



Durante a revolta da armada brasileira: Uma bateria d'artilharia no Caes Pharoux (Chiclé do sr. A. Barros Lobo).

N.º 231 Lisboa, 26 de Dezembro de 1910
ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:
Anno, 4800 réis — Semestre, 25400 réis
Trimestre, 15200 réis

Ilustração
PORTUGUEZA
Edição semanal do jornal O SEculo

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE JOUBERT GRAVES
Redacção, Administração e Officinas de Composição e Impressão R. do Seculo, 43

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa



MADAME
Brouillard

Éz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromantelias, chiromanzia e physiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gali, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenligny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathegoria, a quem predisse o quiza do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Já consultas distas das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 12 (sobre-loja)—LISBOA.
Consultas a 1500 rs. 2500 rs. 3000 rs.

**Ser bonita é muito!
Agradar é tudo!**



Os **Frisadores Electricos de West** transformam por completo o rosto da mulher! Uma cabeça bem frisada chama a attenção nos maiores indifferentes! Os **Frisadores Electricos de West** são indispensaveis em todo o toilette, pois que em poucos minutos frisa ou onduia a cabeceira mais opulenta, não queimando nem danificando o cabelo! Vivifica e auxilia a raiz pois está impregnado d'electricidade que evita a queda do cabelo.
Preço: 3 Frisadores 600 rs. Correio 650 réis.

Sabonete Verbena Este sabão, delicado e ao mesmo tempo, limpando o rosto limpado e macio. Preço 300 réis. Correio 350 réis.

Pastilhas Quentin Perfumam deliciosamente a boca, evitando a deslocação dos dentes. Preço 100 rs. Correio 130 rs.

PERFUMARIA BALSEMÃO
Rua dos Retreiros, 141 Telephone 2777
Deposito geral: Rua Conceição, 46, 2.º-Ext.º

Automoveis

Vendem-se ou alugam-se, uma **Limozine**, uma **Landulet** e um **double phaeton** em magnifico estado e de grande luxo. Trata-se na **Casa Simplex**, Bicyclettes, Discos e machinas fallantes de 3.º Casteio Branco.

O que ha de melhor em bicyclettes inglesas desde 2.500 rs. com todos os pertences. Accessorios baratissimos. Discos com assumptos politicos e ultima novidade. Machinas fallantes das mais modernas desde 6500 réis.

Rua do Socorro, 23-a. Rua de Santo Antão, 24. Telephone 2975

COMPREM AS
Sedas Suissas
Fecam as amostras das nossas Sedas Novidades de primavera e de verão para vestidos e blusas:
Diagonal, Grépon, Surah, Moire, Grégo de Chine, Fouriards, Mousseline 130 cm. de largura a partir de fr. 1,25 o metro, em verde, branco e cor assim como as blusas e os vestidos bordados em «tulle», la, «toile» e seda.
Vendem as nossas sedas garantidas solidas, directamente aos particulares e francas de corte a comição.
Schweizer & C.º
Lucerne E II (Suissa)
Exportação de arlandas Fornecedores da Corte Real

Coke inglez
PARA COZINHA
O mais economico
R. CONCEIÇÃO, 125. 2.º
TELEPHONE 1735

Meio seculo de successo
ESTOMAGO
O Elixir do Dr. Mialhe
de pepina concentrada faz digerir tudo rapidissimo.
GASTRALGIAS, DYSPSEPIAS.
A'onda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris

Nós podemos provar que os nossos agentes geraes ganham mais de 405000 rs. por semana. Quem ganhar menos de 50000 rs. por dia, deve escrever-nos de seguida. A nossa circular lhe ensinará o caminho a seguir, e o nosso artigo importado fará o resto. Necessitam-e cavalheiros, senhoras e jovens, dispond-e de todo o seu tempo ou parte d'elle. Recompensa de 200000 rs. se não mandamos amostra gratuita a quem a pedir. Estabelecimento 105, Horton Gd. Montrouge, Seine, France.

TRABALHOS DE ZINCOGRAVURA, PHOTOGRAVURA, STEREOTYPIA

Zincogravura e Photogravura
Em zinco simples de 1.º qualidade, cobreado ou nickelado.
Em cobre.
A cores, pelo mais recente processo — o de trichromia.
Para jornaes com tramas especiaes para este genero de trabalhos.

IMPRESSÃO E COMPOSIÇÃO
Fazem-se nas OFFICINAS DA
Illustração Portuguesa
Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços modicos e com inexcédvel perfeição.

Stereotypia
De toda a especie de composição
Impressão e composição
De revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite.

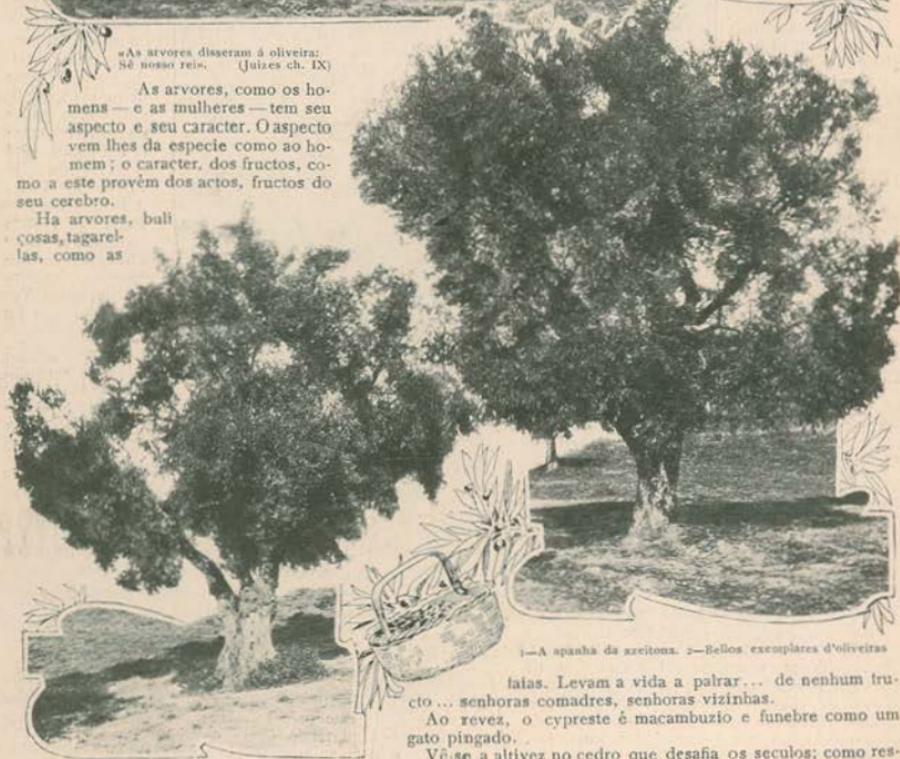
Officinas da ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
RUA FORMOSA, 43



«As arvores disseram á oliveira:
Sê nosso rei». (Juizes ch. IX)

As arvores, como os homens — e as mulheres — tem seu aspecto e seu caracter. O aspecto vem lhes da especie como ao homem; o caracter, dos fructos, como a este provém dos actos, fructos do seu cerebro.

Ha arvores, bali-
cosas, tagarel-
las, como as



1—A spanha da azeitona. 2—Bellas exemplares d'oliveiras

laidas. Levam a vida a palmar... de nenhum fructo... senhoras comadres, senhoras vizinhas.

Ao revex, o cypreste é macambuzio e funebre como um gato pingado.

Vê-se a altivez no cedro que desafia os seculos; como resalta o orgulho no loureiro, a magestade no platanio, e a



força no sobreiro, em cujos braços athleticos a cortiça rugosa lembra a pelle d'um monstro terciario. Escutai como é dorida a voz do pinheiro... cabeça desgrenhada de poeta elegiaco: como é farfalhada a do eucalipto, um desengonçado pedante. Na alca areenta do parque, fina, gentil, tocada de purpura, lembra uma ideal princeza do Oriente, a olaia florida: no pomar cuidado, a laranja lustrada, de fructos d'oiro, remeda a burguezia rica, paramentada, em festa: no arido quintal, a figueira, de folhas asperas, dobrada sobre si, os troncos lambendo o chão, dá-nos a imagem de uma creatura, humilde, pobre e plebeia.

Quanta aristocratica riqueza ostenta o aveludado d'ama squireiro de grave porte, quanta doida alegria exprime, baloiçando nas encostas, crivado de rubins, o medronheiro bravo. Essas imagens de falsos romanticos, piégas e tolos, de comica evocação, revivem no salgueiro negro, no chorão verde, mirando-se na agua espelhada das levadas, de cabellos cahidos, pensativos, estupidos.

Ao lado das arvores arrogantes, de fructo misero, como o carvalho, as modestas, as simples, de fructos maravilhosos: o delicado pecegueiro que enfeita as hastes com espiraes de topazios e a fecunda macieira, cuja flôr ri como uma estrella, ou como bocca de virgem, entre alvuras de leite e vivos rubros de sangue. E, aqui se vê, nas arvores, como nas aves, como nos homens, essa notavel regra: arvore de grande corpo: desgraciosa a flôr, misero o fructo; ave de plumagem espectacular: canto ridiculo, se canta; homem de grande apuro, requintado vestir, voz e cabeça altas, flôr ao peito... asno perfeito!

Mas... entre todas modesta, entre todas santa, mais que nenhuma util, vive a fecunda oliveira, essa que a lança de Athnêa, arrancou, de golpe, ao rochedo negro de Acropole e antepoz como symbolo da paz e da sabedoria, ao cavallo assolador, guerreiro, erguido pelo tridente de Neptuno.

E, de então, Praxiteles, Phidias, Scopas, todos os grandes esculptores da Grecia, immortalisam no marmore a arvore divina. Os

seus ramos ornam os templos consagrados a Atheneia, correm nos frizos, nos frontões do Parthenon, cingem as amphoras, decoram os templos, nobilitam as moedas.

Da sua madeira venerada fazem-se as estatuas dos Deuses, como, mais tarde, a cruz de Christo, o que muito apropriada o chamar-lhe S. Cyrillo «a oliveira fecunda.»

Um ramo de oliveira na agua lustral das cerimoniaes funebres, antecede o ramo de buxo,

futuro hyssope christão. Erguido nas mãos de um guerreiro, de um embaixador, sollicita a paz; na prôa do barco exhorta a protecção do Deus tutelar; no bico da pomba, annuncia ao patriarcha receloso a clemencia do céu. A arvore tem, nos templos, ao lado da deusa, uma adoração commum.

Esta veneração entra em Roma, encontra o christianismo e invade-o. Uma das figuras symbolicas da primitiva igreja é a pomba com o ramo de oliveira no bico. Athneia transformada em Minerva e entra no culto christão como Nossa Senhora da Oliveira. Vamos encontral-a em Guimarães.

A lenda grega conta: No alto de Acropole em competencia da mais

util creação, Athneia fere com a lança o rochedo d'onde rebenta a oliveira, que ella oppõe ao cavallo de guerra que o tridente de Neptune fizera erguer-se.

A victoria, no conselho dos deuses, pertence a Athneia.

Alli, no mesmo logar, se construiu o templo da Deusa, onde ardia a lampada de azeite de Callimaco; ao lado, no recinto aberto, padrão commemorativo, o templo de Pandrosos, onde se erguia a oliveira venerada. A lenda é, evidentemente, a commemoração do triumpho da colonia agricola egypcia, sobre a gente guerreira da, então, Kecrops.

Agora a lenda da Beira. O godu Wamba lavrava o seu campo. Era no ultimo seculo. Elle proprio, a vara de oliveira na mão espartando os bois, dirigia o arado. Se não quando, uns nobres, godos tambem, se lhe abeiram e lhe dizem que fôra eleito rei. Ri-se do caso Wamba e replica:—rei eu? só se fôr quando esta vara secca tiver folhas. Di-



O varejar da azeitona





zendo, espeta-a no chão, e eis que a vara reverdece e se enche de folhas e fructos. N'esse logar onde houve um templo gentílico, ha hoje, um, christão. E' o templo de Nossa Senhora da Oliveira: ao lado ergue-se um padrão commemorativo; junto d'este, um como tanque octogonal de pedra de alvenaria, gradeado, contém uma oliveira. Templo e padrão são de construção ogival, de D. João I. Elle que construiu, em memoria de Aljubarrota, o templo da Batalha, dedicado a Nossa Senhora da Victoria, construiu este, commemorando a mesma batalha, votado a Nossa Senhora da Oliveira, ou Nossa Senhora da



Paz. Antes d'este, existia o da Condessa de Tuy e Porto, Dona Muina, construido em 929, onde o conde D. Henrique creou a Collegiada. Atraz d'este vese, claramente, a origem do templo primeiro. A lenda christã que diz que uma oliveira alli posta, em tempos desconhecidos, secára mas reverdescera ao passar por ella a Imagem da Senhora é banal e muda.

A lenda beirá, cheia de ingenuidade, surprehendente na semelhança



1—Um bello olival ribatejano 2—Outro aspecto da spanha da azitona
(Chêchês da Casa Herold & C.º)



dos uma luz suave,
de templo, luz reli-
giosa que convida a orar, que
dulcifica o soffrer e que propicia as lagri-
mas. Renasce como a pihenix, accompanhan-
do os seculos: a este de Jerusalem, vivem
ainda as que viram chorar o Nazareno.

Os ultimos dias do bom sol, manso e lou-
ro, levou-os S. Martinho, no resto da capa que
lhe sobrou da esmola, ás portas de Amiens.

Do sul, como rebanhos de carneiros aca-
dos pela vara do pastor, avançam, em tropel,
erguendo-se do horizonte, torres de nuvens
que o vento esfrangalha desfazendo-as em chu-
veiros, por traz das quaes o sol espreita, de
vez em quando, ironico, pintando *arcas-iris* no
fundo caliginoso dos ares. Reina o Novem-
bro. Um vento insolente começa a sacudir os
arvoredos, a encher os terreiros das oliveiras
de uns pequenos corpos ovas, brilhantes, ne-
gros de azeviche, a poetica oliva, a buliçosa
azeitona gorda e acre que Horacio preferia—
ladeada de chicoria—ao melhor faisão; ado-
rada por Plinio.

E' preciso apanha-la; molhada, gafa nas arvo-
res, a que vae pelo chão periga no arrasto

com a grega, revela uma tradição
nitida, de um facto historico im-
portante: a victoria da colonia
agricola grega, sobre as gentes
rudes e bellicosas da Luzitania.

Entrego a minha descoberta aos
archeologos.

De estirpe divina, a oliveira,
pela propria sciencia se democratizou, tal-
vez. Com todas as arvores vive, todos os
logares lhe se vem, desde os fundos negros
dos valles, aos lombos escaldados das pe-
nedias. Onde ella puder enfiar a pequena
raiz, angustia de pedregal, frincha de ro-
cha, ahí se empina, ahí medra.

Filha da Asia menor, originaria, no ber-
ço, com a humanidade e a maior parte das
arvores de fructo que vivem na Europa,
ella veiu até nós, pela Grecia, pela Africa, pela
Italia.

Veiu, acalmou-se, fez-se amada.

Tem o aspecto calmo, sério, de matrona.

Veste, sempre, de escuro, como viuva; toda-
via, quando o vento a requesta e se esquia in-
dignada, vê-se-lhe por debaixo da roupagem ne-
gra a camisa alvissima de prata. Floresce envol-
vendo-se, toda, n'um amplo véu
de séda amarellada, bordado de
milhares de pequeninas flores, que
se aglomeram em cachos.

A sua sombra, é firme, den-
sa; o que dá aos olivê-



1—A caldeira d'um lagar
2—Velha oliveira ribatejana



das aguas para os ribeiros que começam a palrar, por entre os juncos.

Contracta-se o rancho. Mal rompe o dia, no alto de um monte, como um deus marinho, um homem põe á bocca um grande buzio e soprando-o, lança pelas quebradas um como mugido, alto, longo, dolente.

O clamor do buzio acorda os echos. Espreguiçando os corpos, pelas arribanas, ergue-se a malta, homens e mulheres de todas as edades, as roupas mal enxutas, cheias de lama, caras sujas e palidas, gestos cansados de noite mal dormida.

Os homens empunham compridas varas de carvalho, as raparigas penduram a cesta de vime no braço e o rancho somnolento parte pelo olival, envolto na neblina, confuso e miseravel a lembrar uma caravana de mendigos, que deixasse a albergaria do povoado.

Dardejам as varas nos galhos tenros flagelando a arvore e o fructo, que se despenha ferido. Acocorado, o rancho, á roda da oliveira—como ninhada de pintos ao redor da mãe—apanha o picanço da terra barrenta, molle, com a pinça dos dedos gelados pela geada das hervas.

Ninguem canta, nem fala. O trabalho, a posição, é rude. O frio fecha a bocca, emquanto os narizes fumegam.

Apenas o estalar dos ramos varejados quebra o silencio da apanha, e, uma vez ou outra, o tilintar das campainhas que os bois do carro agitam, sacudindo das orelhas os pingos frios do orvalho.

Agora, logo, um cesto cheio volta sobre os taipais e, cheios estes, o carro abala pelos córregos pedregosos, pelas varzeas lamacentas, aos tombos, aos saltos, rangendo, gatinho, chiando, arrastando-se, gemendo, que causaria dó, se fôra coisa viva.

A quinhentos passos da velha estrada, córrego de aguas que o passo dos homens e dos animais alargam, encostado á escarpa de um monte coberto de matagal rasteiro, de aspecto triste, um casarão baixo, longo, acocora-se humilde.

O telhado mourisco, cheio de musgo, confunde-se com o lombo matoso do comoro em que se apola e prolonga.

Não tem janelas; apenas uma larga port. da altura de um homem, a meio do paredão indica a entrada para a sombria estancia. Em roda das paredes escalavradas, arranhando-as, crescem as silvas, rompendo por entre cardos seccos e tojos bravos que camaradejam em moitas. Ao vê-lo, n'aquelle abandono, as telhas revoltas pelos pardaes, andrajoso e sujo, crê-se-ha uma velha habitação abandonada, a envelhecer, esquerida, entregue á chuva e ao vento, abrigo de ratos e de morcegos. Não é; é o mesquinho, velho, mysterioso, lagar d'azeite. A porta abre-se, chegam os carrs. Lá dentro é sempre noite; noite funda. A facha da luz morticiada dos nevoentos de zembros que entra pelo portal mal esclarece uns passos de chão terreo e humido que o defronta.

A treva densa do interior desgasta-a, frouxamente, a luz fumarenta de uma grossa torcida que arde e espirra, pendida no bico do *candelo* de barro, herança preciosa do homem das cavernas.

E' a esta penumbra densa que é preciso arrancar homens e coisas para poder entrar no segredo da fabricação do azeite.

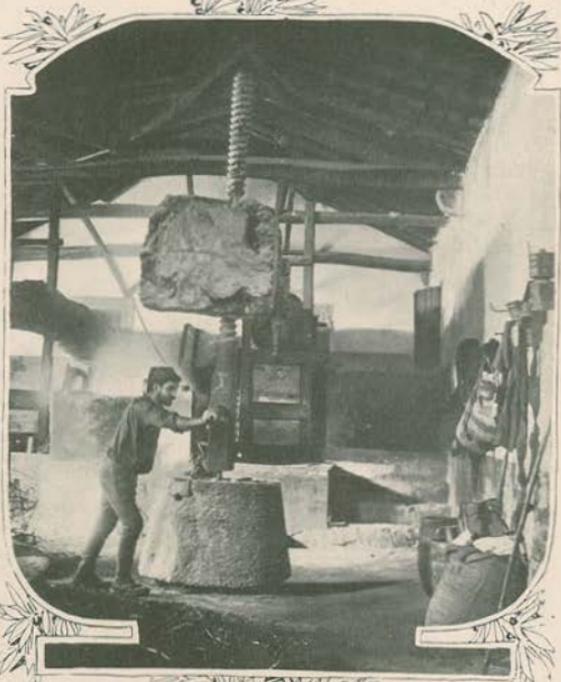
O mestre—em geral um velho, celebre por ter feito o azeite de antigas casas,—manda começar a faina.

A azeitona que enche as tulhas é levada em cehas para o lagar (*pio*), canal semicircular de pedra, onde quatro mós volteiam verticalmente, a distancias desiguas, articuladas a um eixo central, que um boi faz girar, morosamente.

Preendida, pelas mós, contra o chão (*posso*) e contra os bordos do lagar, a azeitona e os caroços, reduzem-se em breve a uma massa oleosa e negra.

Quando bem mastigada, passa para as *cêras*, especie de lentes biconvexas de esparto, tendo uma abertura circular n'uma das faces. Esta, espedada com pequenos toros (*frades*) para não adherir á massa, permite que as mãos, entrando pela abertura, manobrem a facilitar o esgoto do oleo. E' esta a operação que exige e confirma a pericia do mestre.

As *cêras* poçam sobre o *alquerque*, lage



O levantar do peso



redonda de pedra com uma calha em redor por onde o azeite corre até à tarefa. A tarefa é uma grande cabaça de barro, que se engasta, invertida, n'um cubo de alvenaria e tijolo. Ao lado da tarefa, uma grande caldeira, com igual revestimento, sobre uma fornalha sempre acesa, abre a bocca fumante.

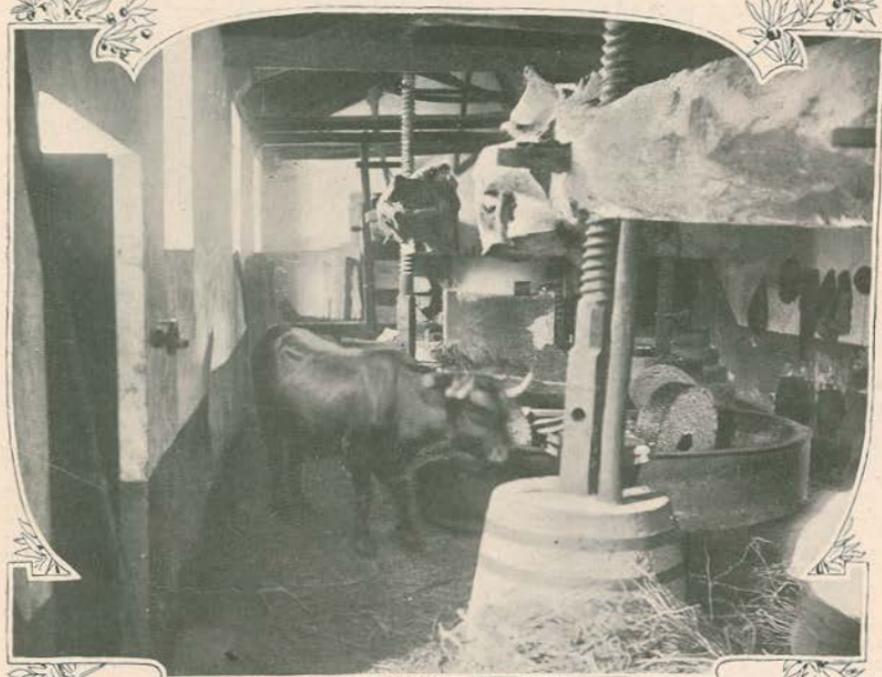
Por sobre cêras e alquerques passa a vara grossissima de carvalho, mettida entre os do mentes, dois barrotos altos paralelos que a impedem de oscillar. Como no lagar de vinho, o pescoço da vara é atravessado por uma grossa prancha furada em rôsca a (concha) d'onde pende o parafuso. Este, invagnado por uma gros:

sa, tacteando com uma pequena vara, na mão esquerda, a altura do oleo E, está acabado o fabrico da medura.

Processo rude, primitivo, sem segredos e, todavia, que de mysterios a envolvel-o. Tudo se passa na sombra, quasi ás escuras. A simples manipulação da massa nas cêras, faz-se como se fossem passes de um ritual magico.

Fala-se pouco, manso; anda-se de vagar a medo. E' uma officina em que trabalham sombras.

Nas longas noites, emquanto o azeite pinga na tarefa, o sudoeste assobia raivoso nas frinchas das telhas, as arvores ramalham desgrenha-



A peça

agulha metalica (o balurdo) que se ergue do pezo e lh'o prende atravessada no ouvido por uma lingueta de ferro (a chave), fal-o-ha subir, girando e subindo elle mesmo, obrigado pelo tortual movido a braços dos lagareiros.

Que a manobra manual não arranque a massa pingo de oleo, e a roda assentará só bre as cêras, deitar-se-lhe-hão em cima os malhaes e a vara descêrá, assentando sobre estes o pesado lombo. Mãos ao tortual, o parafuso gira, gira e sóbe e com elle o peso, vergando a vara. Então, no aperto, por entre a traça do esparto cabem as ultimas lagrimas do azeite, silenciosas, louras.

Os restos arranca-os-ha a agua quente n'um ultimo esforço.

Chia a tarefa, o mestre sangra-a da egua



das uivando, os mestres, os ajudantes, sentam-se em tôros em frente da fornalha aberta, mastigam a brôa, aquecem.

Em semi-circulo, metade dos corpos batidos pela chamma, meios na sombra, o aspecto magico do grupo resalta, como em evocação de bruxêdo. Por cima das cabeças, a chamma oscilante do candêlo, de morrão em cogumello, lança para o tecto negro, o fumoso pen-nacho... caminho da prece, caminho do sabbat.

Clarificado, pelo descanso, na gôrda talha — a antiga jarra — o oleo alambreado que sahii da tarefa, converte-se n'um corpo, denso, suavemente louro, com uns tons fugidios de esmeralda.

E' o azeite, o mais doce, o mais hygienico, o mais nobre, o mais glorioso dos oleos.



De hoje, como de sempre.

Hospede festejado em todas as mezas dos judeus, foi conviva forçado dos gregos e dos romanos, do mais frugal repasto, nos mais primorosos banquetes. Associado com a farinha, com o mel, com o leite, dá um numero infinito de pâsteis; frega os peixes, aglutina e apalada os molhos, aloura os pâes, e, polvilhado de queijo, encazula as aves assadas, como explica Aristophanes.

Oriban, celebre medico de Pergamo, assenta que a verdadeira fritura só com elle se faz.

Em Roma como em Athenas. Horacio adora-o nos molhos, e Catão, o inimigo de Carthago, tão austero republicano como habil cozinheiro, obriga-o — o precioso tenafre — a entrar em todas as suas celebres receitas, com a farinha, o mel, o leite, o ovo e a pimenta.

Ainda agora, o azeite, em todos os povos da area da sua produção, é amplamente gasto. E' ainda, como foi sempre, desde Homero, o banho de ouro dos peixes, o segredo da fritura, «prato agradável á vista, que se pôde comer á mão, o que é sempre agradável ás damas», como diz Juvarise.

No uso interno gastavam-se toneladas; no uso externo consumiam-se rios.

Da acção que Dioclés lhe assignalára: — a fricção fortifica a pelle, a unção amolece-a — lhe veu o uso estupendo.

Os gregos, to-

dos os romanos de todas as classes, untavam-se, friccionavam-se, uma, varias vezes no dia. Untavam-se, antes do banho e depois; antes e depois da comida, do passeio, dos exercicios, das luctas, da natação, das corridas, das festas, em casa, nos gymnasios, nas thiermas.

Ninguém emprehendia o mais insignificante passeio sem o lecytho cheio de oleo. Untava-se o hospede quando chegava, banhava-se, reuntava-se de novo. Untavam-se para expulsarem a fadiga da marcha; como, para a evitarem, marchando; para diminuir a transpiração, para resistirem ao calor, para minorarem o frio.

O habito que se avorou em necessidade, degenerou em prazer.

Uma suprema voluptuosidade dominava todo o corpo no caricioso friccionar do bello éphebo, ou da formosa escrava.

O homem untado, deu o *homo lubricus*.

A unção apanhava o recém-nascido no primeiro vagido e só o largava na morte.

Os romanos opulentos, mais exigentes do que os nossos trabalhadores ribatejanos que trazem no alforje, o azeite dentro de um corno de boi ratinho, usavam-no em cornos, artisticamente trabalhados, de rinoncheronte.

O vaso é nobre, que o Senhor disse a Samuel, ao mandal-o sagrar David: *Imple cornu tuum*



1—O lagar 2—Uma oliveira arabe

oleo, enche o corno de azeite.

Ora, então como hoje os azeites, em geral, eram máis, rançavam nos corpos, fedendo; d'ahi o perfumarem-nos, por maceiração, com flôres de rozeira, de palmeira, da videira, da iris e outras.

O aroma despertava os appetites, até o da meza.

A meo dos banquetes, depois de passarem os cantores, os musicos, entravam as *ungenurias*, formosas raparigas, trazendo cada uma dois vasos de oleos perfumados; o serpellino para a cabeça, o phenicino para a bocca, o amaricino para os peitos e outros.

Eram productos carissimos dos perfumistas, das casas—como se diria hoje—Nice:ós e Marcellianus. Só os multos ricos os usavam; os pobres untavam-se com os azeites ordinarios, as bôrras.

O costume que veia das civilizações do Nilo e do Eufrates para o Mediterraneo, tem ainda all, ao pé de Carthago, um povo que o conservou—os arabes kabylas. Juntae a todo este consumo voluntario o que a medicina, em todos os tempos, impôz, em colirios, em pensos de chagas, como febrifugo, como laxante, como contraveneno; a receitar, unguentos, pastas, sabões; como vehiculo de virtudes therapeuticas, de plantas, de animaes, das coisas mais limpas ás mais immundas e dizel se, realmente, o corpo humano não tem consumido rios de azeite.

E' pois o azeite um coadimento agradável, um alimento precioso, um tônicofador de musculos, um moderador de nervos, um remedio hygienico por excellencia, antidoto eficaz, viatico admiravel.

E' mais ainda: o producto ideal da luz, d'essa luz, suave, doce, que acarticia a vista, imagem do luar. Oleo precioso, sem duvida, pelas suas propriedades naturaes; mas mais que muitas vezes precioso, porque sahindo da natureza attinge o conceito de maravilhoso por sobrenaturaes poderes. E' o oleo da purificação, da santificação, da Graça!

Desde a origem, o azeite é sagrado para o pagão: bebia-se vinho por Bacho, bebia-se azeite por Minerva.

Perto de Delphos venera-se a pedra de Saturno coberta de azeite: Alexandre rega com azeite, o tumulo de Achilles. Os marcos de pedra que limitavam as propriedades, consagrados á divindade, divindades elles proprios, untavam-se. Para aquem do paganismo, no christianismo, o azeite passou a ser mais do que um licor venerado, um substracto místico, encobriendo no envulcro material, um influxo divino, que o seu toque transmite.

Jacob, no caminho de Haran, canção, deita-se e põe sob a cabeça uma pedra. Adormece: em sonhos, vê a escada dos anjos, do al o da qual, lhe falla Deus.

Ergue-se, unta a pedra, sagra a; é um templo—Bethél—a casa de Deus.

No Synal, Deus manda a Moysés que faça um oleo, uma unção que consagra: «toma a myrra a mais excellente, o cinamomo, a cana aromatica, a cassia, lança-as no azeite». Assim se fez e, com elle purificou, sagrau, as pedras, os templos, as imageas, as alfaias e com elle foram sagrados os padres, desde Araão, e os reis, desde Saul.



O azeite bento é para os auctores sagrados, o symbolo da graça divina; para Vardanes, o armenio, o proprio espirito de Deus. Eis porque S. Thiago manda untar os corpos dos moribundos e a Extrema-Unção apparece como sacramento.

Eis o divino azeite! Haverá quem duvide

d'este poder singular; e, não admira, hoje que o orgulho do homem em vez de acatar as verdades sublimes da tradição ignorante, vae pedir ao pedantismo da sciencia chimica a razão natural e mesquinha das propriedades dos corpos.

E' possivel que ainda alguem, ao morrer, diga, como o Aretino, ungado á força de rogos:—sagrada que estou unctado, cautella com os ratos.

Não importa; apeado do throno divino, reduzido a mais baixos misteres, o azeite será, sempre, o mais doce dos oleos o mais bello de vêr, o mais grato ao paladar. Elle será, eternamente, o fritador emerito; a victima expiatoria, como Prometheu, de uma luz bemdita; o purificador insigne, em extrema e copiosa unção do nacionalizado e precioso amigo—o bacalhau com batatas.

Estas sós qualidades o erguem a milagroso licôr, e, assim, se lhe deve, ao nascer, a attenção respeitosa com que se esperam os milagres.

Eis, talvez, a razão porque o seu fabrico, série de operações que tendem a libertal-o do ventre materno, é f'ito na luz mysteriosa das cryptas e na concentração respeitosa dos silencios.

Ribeira de Pontezel, 20-XII-1910.

MARCEL'NO MESQUITA.



1—Um formoso olival
2—Uma oliveira secular
(Cliches do sr. A. Guerra)



1—A sala dos banquetes em Windsor Castle

A Illustração Portuguesa principia hoje publicando uma serie de artigos devidos a penna elegante e culta de M.^{me} Selda Potocka, e com certeza destinados a um grande exito. A illustre escriptora — de cujos conhecimentos scientificos o seu Instituto Electro-Therapeutico constitue a demonstração eloquente—depois de haver dedicado ao seu sexo esse livro util e galante que intitulou Como conservar a mocidade, vem hoje conversar com os numerosos leitores d'este magazine sobre um assumpto que a todos indistinctamente interessa: a alimentação. E o modo original e conceituoso como o faz, logo n'este primeiro artigo lhe conquistam o interesse e o agrado de todos os que a lerem. O que M.^{me} Selda Potocka nos diz não é, bem entendido, para os medicos especialistas uma novidade. Mas é-o para a quasi totalidade do publico, que tanto lerá que aprender com os seus conselhos e as suas advertencias judiciosas, expressas n'uma linguagem de translucida clareza, a que o bom senso feminil e a intelligencia penetrante da escriptora communicaram um especial e inconfundivel encanto. Todas as mães zelosas da saúde dos seus filhos, todos os enfermos e todos os saos tem que aprender n'este verdadeiro catholicismo da alimentação e muito que lucrar na observancia tão simples e tão logica das suas doutrinas.

A um assumpto que poderia parecer arido, M.^{me} Selda Potocka trouxe essa elegancia de phrase e de expressão verbal com que só a mulher — quando dispõe de talento — sabe transfigurar as proprias cousas vulgares, reflectindo-lhes belleza. Ver-se-ha na sequencia d'estes artigos, a que o de' hoje

COMO NOS DEVEMOS ALIMENTAR



2—M.^{me} Selda Potocka



serve como que de prefacio, o senso pratico e o pittoresco interesse com que o assumpto é exposto em pequenas conferencias, que constituirão em conjunto um manual de receitas e conselhos ao alcance de todas as intelligencias. A competencia da illustre senhora a quem o problema da nutrição tem merecido estudos especiaes, dá ainda a estes sentenciosos artigos um singular valor.

Como é geralmente sabido, a ella se deve em grande parte a introdução em Lisboa da therapeutica electrica, hoje não propagada entre nós por alguns dos nossos melhores clinicos, e dos tratamentos em que é empregada a luz como agente curativo. O seu Instituto da rua da Emenda, aonde M.^{ma} Selda Polocka, assistida por um medico distincto, soube chamar uma clientela numerosa e grata, é obra de um espirito da mais rara elevação, que allia a uma extensa cultura uma energia moral exemplar.

A INFLUENCIA DA ALIMENTAÇÃO NA SAUDE O JEJUM CONSIDERADO COMO O MELHOR DOS REMEDIOS QUE É A DOENÇA COMO SE PODE EVITAR A DOENÇA

A quasi totalidade das doenças humanas é a consequencia de erros alimentares. O homem desaprendeu de comer. Obliterou-se n'elle esse instincto commum a todas as especies e cuja perda importa o sacrificio da propria vida. O homem civilisado do seculo XX póde definir-se como o unico sér que não sabe alimentar-se. E de tal modo essa ignorancia está visivelmente e promettendo os destinos da humanidade, que me surprehe de que ainda até hoje nenhum pedagogo tenha aconselhado a inclusão de um pequeno tratado de alimentação no programma educativo da infancia, onde elle seria tao util como os tratados de moral.

Não ha modo de illudir este aporismo physiologico:—a grande maioria das pessoas gastam mais de metade da sua energia vital a digerir alimentos desnecessarios.

Se comessemos metade, quando muito, do que comemos, morreriamos quasi todos de velhice e a média da vida, na geração futura, dilatar-se-ia immenso.

Se os que trabalham com os musculos reduzissem a sua alimentação a metade e os que trabalham com o cerebro a reduzissem a um decimo, seriam mais fortes, mais saudáveis, e prolongariam a vida.

E' principio por muitos aceite que podemos fortalecer um doente obrigando-o a comer, quando a verdade é que cada ração de alimento que elle ingere lhe consome energia e lhe diminue o poder de resistencia. Sempre que ha uma doença grave, a natureza, providentemente, abole o appetite para não consumir com o trabalho digestivo a energia que precisa de ser totalmente utilizada em combater a doença. E' commum o facto verificado de corresponder a uma alimentação nociva um decrescimento sensibillissimo de peso. O o ganismo, constringido n'essas crises a desperdiciar energias na eliminção dos alimentos ingeridos, enfraquece, não os assimila. Alimentar n'essas condições um doente não é sustental-o, é debilital-o, sobrecarregando-lhe o systema com materia nociva, que elle tem de eliminar pelo preço terrivel das suas forças vitaes. Está provado que na ausencia do appetite o doente que se alimenta perde com mais rapidez peso e forças do que aquelle que não come. Quando não ha vontade de comer, o jejum impõe-se. Uma lingua saburrosa deve considerar-se o indicio seguro de um estomago inapto para digerir. E' loucura homicida alimentar um doente n'estas condições anormaes. A alimentação decompõe-se. Em logar de nutrir envenena.

O halito é uma linguagem clara. Um apparelho digestivo carregado de alimentos deteriorados ex-hala emanações desagradáveis.

Todo o animal doente se recusa a comer. Só o homem, antepõndo um raciocinio erroneo a um instincto infallivel, desobedece á natureza, que exige a um organismo enfermo o duplo repouso do sono e do jejum.

Nós procuramos convencer o doente a alimentar-se, contrariando a natureza na sua providencia salutar, vigiando-o minuto a minuto para lhe introduzir no estomago revoltado algumas drogas nocivas.





ganismo são. A exactidão d'este aphorismo é demonstrada pelos numerosos casos de soffrimentos physicos, que revelam concludentemente como a maior parte da humanidade despreza o azeite.

As substancias estranhas ao organismo podem ser solidas, liquidas ou gazozas. A sua presença occasiona sempre perturbações funcioaes.

Se a presença de um grão d'areia no machinismo de um relógio perturba o seu movimento, e, por vezes, o suspende por completo, quaes serão os resultados da accumulação de materias estra-

E' assim que a maior parte dos nossos cuidados com o doente não tem justificação scientifica. Só serve para o prejudicar, quando o melhor serviço que podemos prestar-lhe é installar-o confortavelmente n'um quarto bem ventilado e dar-lhe a tranquillidade e o regano moral e physiologico, de que o organo-mo enfermo precisa para se restaurar.

Mesmo quando a doença é chronica e subsiste algum appetite, deve haver o maior cuidado em não o saturar de alimento. Quando se faz pouco ou nenhum exercicio é realmente insignificante a quantidade de alimentos necessaria é conservação da vida. Nada ha a lucrar, antes tudo a perder, comendo mais do que pôde ser assimilando. Muitos doentes se debilitam porque a sua energia vai ali consumida pela super-alimentação. Doentes ou saos, se comerem mais do que o indispensavel ao sustento do organismo, sobrecarregamos o nosso systema com venenos, apressando a morte.

E' um facto assente que não ha doenças; ha a doença, que pôde manifestar-se de varios modos, escolhendo de preferencia para sua sede os pontos mais fracos do organismo. Esta affirmação é contraria ao que geralmente se pensa; a maior parte das pessoas julga que, para cada fórma de soffrimento ha uma causa distincta e especifica, e a sciencia, em regra, não procura combater esta opinião. Ha só porém uma causa fundamental de enfermidade: a retenção, no organismo, de materias nocivas. Pôde aceitar-se como verdade scientifica que um organismo perfeitamente limpo, tanto interna como externamente, é um or-

ganismo no systema humano?

Não nos devemos esquecer de que não ha machinismo algum tão dedicadamente construido como o corpo humano.

A natureza dispoz varias vias d'expulsão aos productos nocivos ao organismo: rins, intestinos, pelle e pulmões.

A parte mais importante d'este trabalho é desempenhada pelos intestinos. A cavidade abdominal está tão providentemente dividida, que cada viscera tem um amplo espaço para poder desempenhar a sua função especial; mas qualquer augmento anormal nas dimensões dos orgãos n'ella contidos deve necessariamente occasionar perturbações. E' impossivel calcular o mal causado por um intestino engorgitado, occupando duas ou tres vezes o espaço que lhe é destinado no abdomen, comprimindo e embaraçando os outros orgãos no seu funcionamento.

Mas não são só os efeitos produzidos pela pressão directa. A accumulação no colon necessariamente impede a livre passagem dos productos do intestino delgado que, por sua vez, causa a retenção dos alimentos no estomago e a sua consequente fermentação. E' simplesmente incalculavel a irritação produzida pela compressão dos nervos terminaes, a que dá origem a distensão do intestino repleto de materias adherentes ás suas paredes. Não estará n'isto a causa directa e palpavel de todas as perturbações digestivas?

As substancias organicas mal digeridas, sujeitas durante horas á temperatura do estomago e intestinos, fermentam activamente; d'aqui resulta a incommoda flatulencia de que tantos doentes soffrem. As consequencias d'esta accumulação de gazes



no tubo digestivo, não são totalmente percebidas na occasião. Os primeiros efeitos manifestam-se pela distensão abdominal, acompanhada de dor, que se segue á ingestão dos alimentos. As perturbações funcionaes que pôdem provir da presença d'estes gazes no organismo constituem, ao presente, um assumpto de larga discussão; sabe-se porém, que uma corrente de gaz carbonico ou hydrogenio, actuando directamente sobre um musculo, paralyza-o. A força expansiva dos gazes dirigida sobre os órgãos vitaes deve pois produzir serios prejuizos. Não é improvavel que muitas hernias e desvios uterinos sejam devidos a esta, até agora, insuspeita causa. Que elles penetram os tecidos visinhos, é um facto averiguado, e comprehende-se bem que a sua acção sobre o systema nervoso, por intermedio da circulação, possa ser a causa de muitos casos de neurasthenia: a doença do homem hyper-civilisado.

A auto-infecção resultante da absorpção do liquido contaminado que se mistura com o sangue — é ainda mais seriao, porque o sangue é a vida. Esse pernicioso liquido compõe-se de substancias de que o organismo já não se utiliza e que, na realidade, equivalem a venenos. Sabe-se que tres quartas partes d'estas substancias podem ser absorvidas, introduzindo-se d'este modo no nosso systema germens venenosos.

Constantemente se está produzindo a circulação entre o liquido contido na cavidade intestinal e o sangue. Ora os microbios do intestino são especialmente nocivos. Pe-



netrando no sangue, enfraquecem-no, não só pela sua presença, mas tambem pelos productos á que dão origem: ptomanias, alcaloides, etc. A auto-intoxicação do organismo por estes microbios é um facto que não offerece duvidas. Como não será assim, se a massa do sangue passa tantas vezes durante o dia através do tubo digestivo?

Precisamos procurar alguma outra causa fundamental da doença? E' para admirar que tantos adoecem e se contem por milhares os que morrem victimas das enfermidades que torturam a humanidade?

São as apoplexias, paralyasias, hydropisias e tysicas, castigos enviados por Deus, ou são antes o resultado da transgressão das leis naturaes?

Será para admirar que, com um colon cheio de materias decompostas, a dyspepsia se desenvolve?—ou que, com um systema nervoso privado da sua nutrição propria, em consequencia da dyspepsia, o enfraquecimento nervoso seja tão frequente? Se os acidos urico e lactico formados no organismo, em vez de serem promptamente eliminados, fõrem absorvidos até saturarem completamente os tecidos, como se pôde esperar que não sobrenha uma sciatica, uma neuralgia ou um rheumatismo com todas as suas consequencias?

Com o organismo cheio d'impurezas, não é licito esperar que se purifique o sangue introduzindo no estomago algumas drogas, quando a occupar quasi metade da cavidade abdominal está um colon engorgitado, exhalando impurezas que constantemente estão sendo absorvidas pela circulação.

O alimento é a vida. Mas para os que não sabem usar d'elle, o alimento é a doença e pôde ser a morte.

SELDA POTOCKA.

A MODA

Cada dia que corre é uma alteração que a moda sofre; mais um enfeite, mais um cinto, mais uma applicação de rendas não só nos vestidos de cerimonia mas mesmo n'esses trajos de passeio que tanta sensação causam e que tanto fazem realçar a gentileza natural das nossas leitoras a quem offerecemos estes ultimos modelos de Laferrière, Martial e Bernard.

♦♦

Modelo de Laferrière confeccionado para M.^{me} Berka

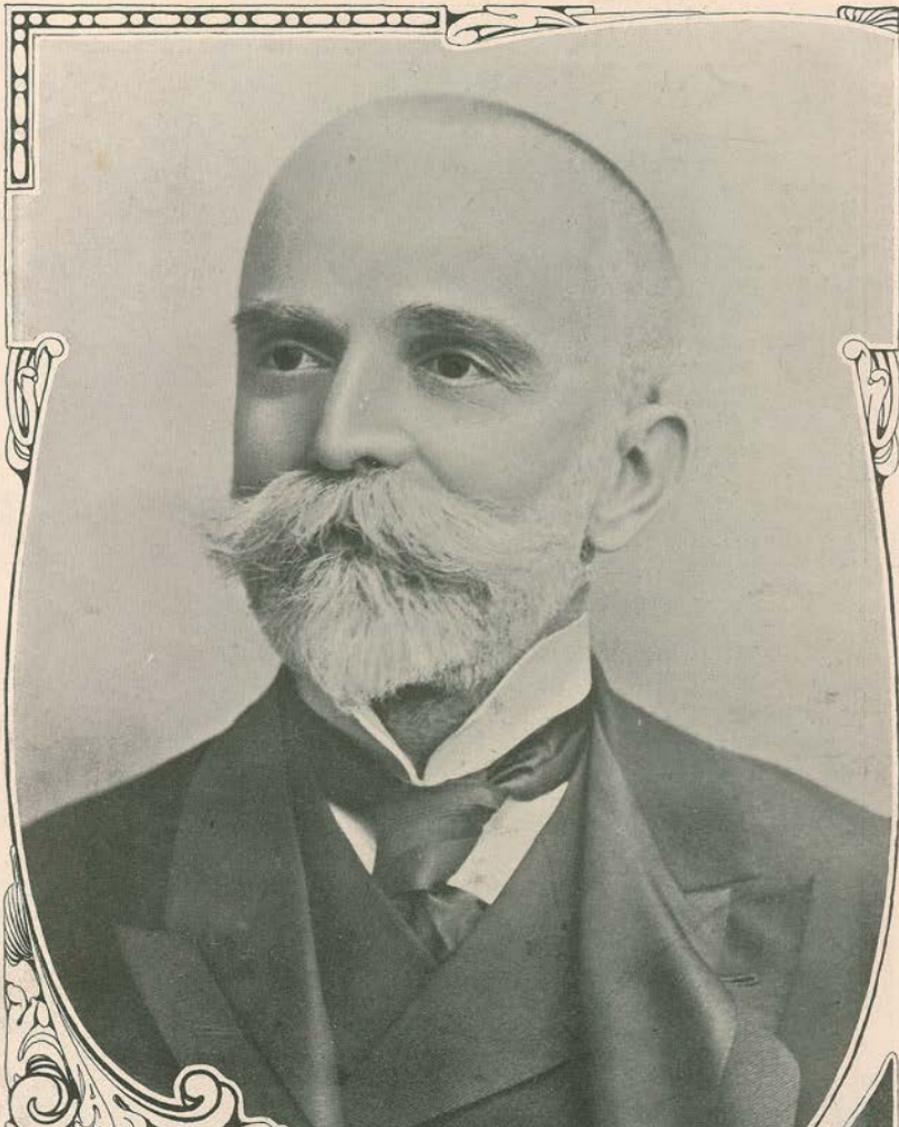




Modelo confeccionado pela casa Martial
& Armand
para a act.iz Darcourt

(Clichés Félix)

Modelo con accionado pela casa Bernard
para M.^{de} Flahaut, da Grande
Opera



· O NOVO PRESIDENTE DA SOCIEDADE ·
· DE GEOGRAPHIA DE LISBOA ·

Dr. Bernardino Machado

N'uma homenagem aos grandes serviços prestados ao paiz pelo sr. dr. Bernardino Machado a Sociedade de Geographia acaba de o eleger para a sua presidencia que vagou por morte do illustre democrata Consiglieri Pedroso.





O almoço oferecido pelo governo, na sala da Sociedade de Geographia, á officialidade da corveta argentina *Presidente Sarmiento*—No centro o sr. ministro da marinha dando a direita ao sr. Sagastume, ministro da Argentina, e á esquerda o commandante da corveta (Cliché de Benoliel)

A festa oferecida ao Governo a bordo da "Presidente Sarmiento,"



1—A chegada do dr. Theophilo Braga 2—A chegada do sr. ministro da marinha
 3—O commandante do navio argentino e os seus convidados
 4—A chegada do sr. ministro da justiça 5—O regresso do presidente—(Clichés de Benoliel)

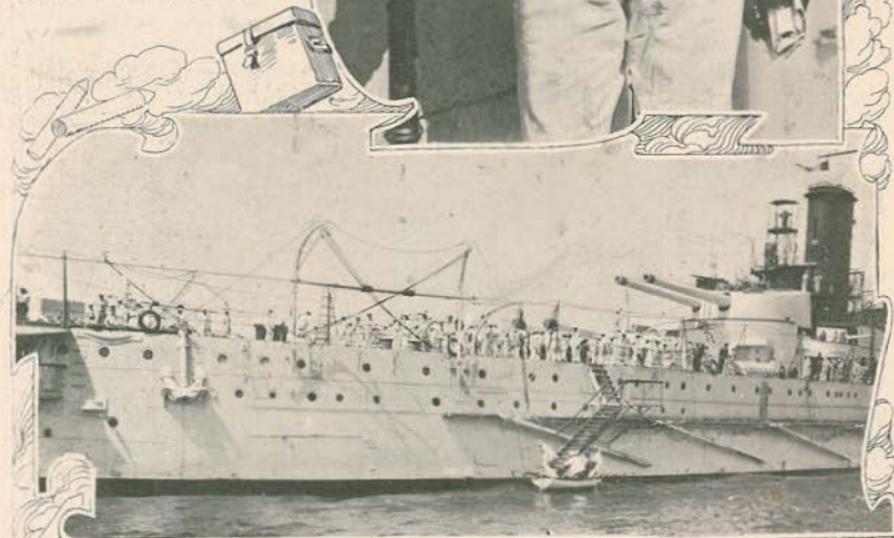
COMO SE SUFFOCA UMA REVOLTA

A INSUBORDINAÇÃO DA ESQUADRA BRASILEIRA

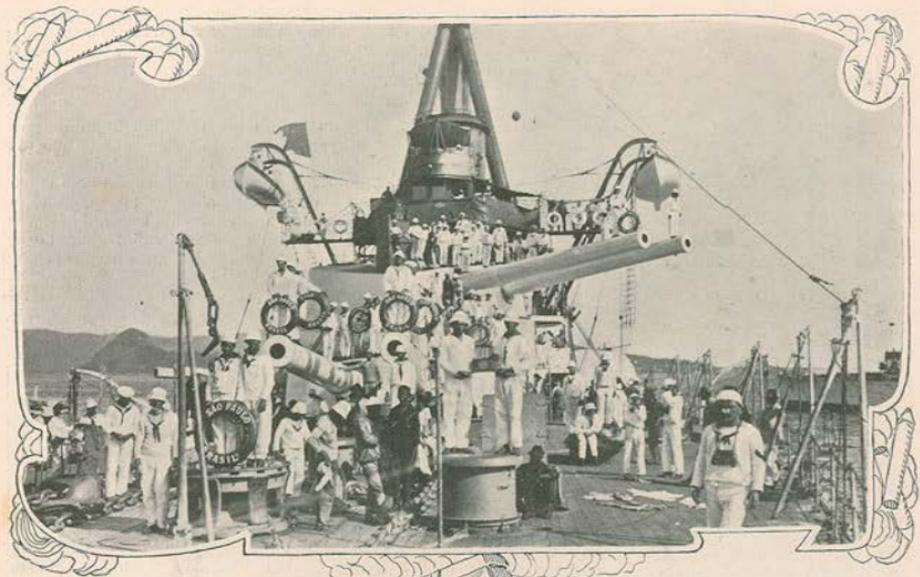


1—O cruzador *Deodoro*

A notícia da revolta a bordo dos navios de guerra brasileiros correu no Rio de Janeiro em 22 de novembro pelas 11 horas da noite. Um oficial do *Minas Geraes*, que fôra jantar a bordo do cruzador francez *Duguay Trouin* dizia ao almirante Marques Leão, n'um pasmo e n'um sobresalto, que o tinham recebido com tiros quando desejava entrar para o seu navio. Dirigira-se para o *São Paulo* e os mesmos sinais de insurreição se manifestaram. Então, desembarcando no caes da Ordem,



2—O cabo João Gaudencio chefe da esquadra insurrecta a quem chamavam o *Almirante da revolta* 3—Um aspecto da guarnição revolvida no *Minas Geraes*



Os marinheiros revoltados

a bordo do *São Paulo*

correr a prevenir o ministro da marinha, a pôr-se às suas ordens, ansioso de sufocar essa rebellião.

Dentro em pouco reuniam-se no Arsenal as autoridades navaes; chegavam novos pormenores, começava a fazer-se

um grande movimento de tropas, ouviam-se as carretas de artilharia rodando aceleradamente, a infantaria que se deslocava e tomava as suas posições, galopadas de cavallos de officiaes do estado maior, todo o rumor dos regimentos que se des-



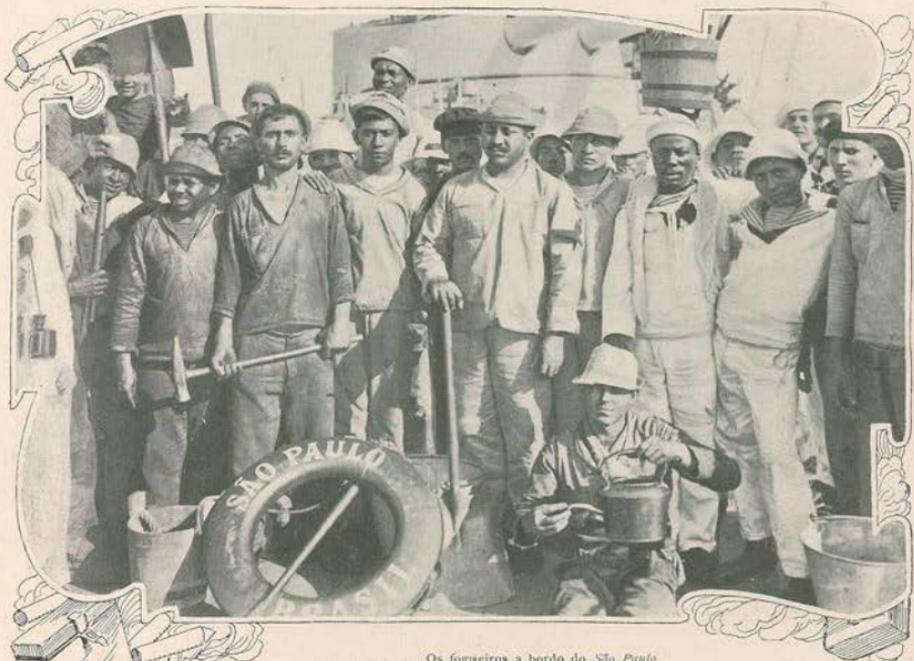
Artilharia no Morro da Saude diante da esquadra revoltada

locavam, n'uma pressa, em energicas providencias. A noite ia decorrendo; uma linda noite de Rio, cheia de estrelas resahindo no fundo azul ferrete do céu.

Mas quaes seriam as causas d'essa revolta que já tanto dava que falar nos catés, nas ruas, por toda a cidade?! Que motivos teriam levado esses marinheiros de alguns dos melhores navios do mundo a tratarem assim um seu official, a pegarem em armas? Chegava-se, por fim, á conclusão que todo esse movimento se gerara n'um protesto contra duzentas e cincoenta chibatadas applicadas nas costas de um marinheiro accusado de uma grave falta. Dias antes o homem fôra



1—Outro aspecto da guarnição revolucionada a bordo do *Minas Geraes*
2—Os foguetos a bordo do *Bahia*



Os fogaciros a bordo do *São Paulo*

castigado; a bordo do *Minas Geraes* houvera mesmo um começo de sublevação logo suffocada; tinham sido fechadas as armas e as munições vigiadas, desde logo, por sentinellas, mas, apesar de tudo, procurára-se forçar os cadeados dos paioes deixando-lhes evidentes signaes das ferramentas empregadas n'essa tarefa.

Dentro em pouco o plano era descoberto; os officiaes tinham feito um inquerito e a guarnição foi condemnada a não vir a terra, as sentinellas dos paioes punidas com chibatadas.

Era, porém, tal a impressão do es-

pirito de disciplina n'essa armada que os officiaes do grande couraçado desembarcaram, ficando apenas o tenente de quarto.

Era isto o que se dizia no Arsenal, n'aquelle

tumulto das tropas, n'aquelle apressada marcha para guarnecer o littoral, impedir desembarques, fazer frente aos revolucionarios e isto tudo como uma destreza que surprehendia e consolava.

Mas, dentro



As tropas na praia de Santa Luzia



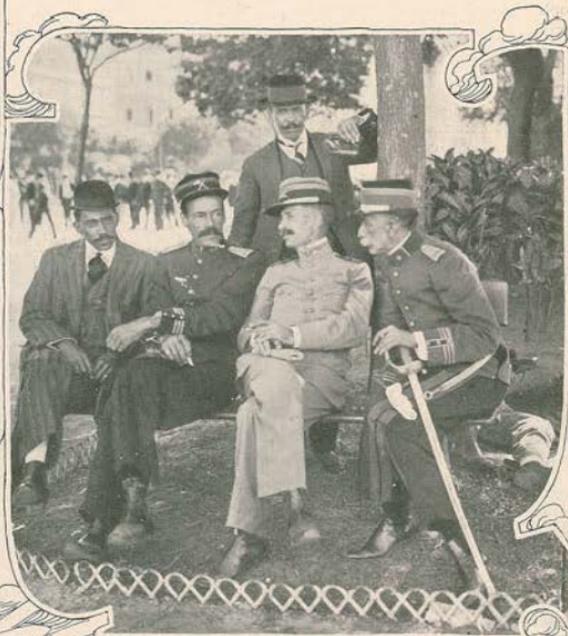
em pouco, da entrada do edificio vinha um rumor de vozes, appareciam officiaes a declarar que de bordo do *Minas Geraes* chegava ferido o primeiro tenente Alvaro Alberto da Motta e Silva.

Deitado n'um improvisado leito na sala d'estado narrava, a custo, o que se passára. Ficára sósinho a bordo; n'um momento ouvira gritar á prôa, correr a e um magote de marinheiros envolvera-o, dêra-lhe voz de prisão. Puxára da espada, avan-



2—Os marinheiros revoltados a bordo do *Minas Geraes*

çara para a turba revoltada, mas uma bayoneta ferira-o no peito. Ca-hira; os marujos tinham-no mettido no fundo de uma lancha e enviado para terra. Era tudo. Era um grave movimento revolucionario que a todo o transe se devia sufocar. Começava o mo-



1—Uma bateria de artilharia nas immediações do palacio de Catete
3—O commandante e officiaes das forças que defendiam o caes Pharoax



vimento dos navios; soavam estru-
lamente os apitos em signaes. O *Rio Gran-
de do Sul* era quem os iniciava, bem como
os tiros seccos que pareciam responder com
sins terriveis ás perguntas dirigidas de bor-
do dos outros barcos. Agora á luz intensa
dos holophotes cruzava-se em todas as dire-
ções, scintillava illuminando a casaria

da cidade, assestando-se sobre os edifi-
cios, enchendo as aguas nos seus jorros
luminosos, procurando impedir que se ap-
roximassem outras embarcações, e do meio da
bahia do Guanabara continham os provaveis
ataques, a verificarem os movimentos em ter-
ra. Advinhava-se o que teria succedido. A
marinhagem estava senhora dos



1—A multidão no caes Pharoux durante a revolta
2—As metralhadoras no Arsenal de Marinha



navios; agora ia dictar a sua lei. Durante a noite o presidente da republica reunira o conselho de ministros, o general Menna Barreto passava revista ás tropas que guarneciam o littoral; as forças de infantaria, de cavallaria e de policia rodeavam o palacio presidencial, havia um sobresalto enorme na população, aguardavam-se ansiosamente os acontecimentos.

O sargento que viera commandando uma lancha do *Floriano Peixoto* espalhava a noticia de que os revoltados dos *Minas Geraes* tinham declarado que ao romper da manhã começariam a bombardear a cidade. O *Minas* e o *S. Paulo* fundeavam

por detraz da ilha fiscal; á direita estavam o *Bahia*, seguiam-se-lhes o *Rio Grande*, o *Deodoro*, o *Floriano*, o *Carlos Gomes*, e n'esta ala de combate ainda os *Benjamin Constant*, *1.º Março*, *Tupy* e *Tamoyo*. Ao alvorecer eram uma linha negra e ameaçadora: no tope dos seus mastros fluctuavam as bandeiras vermelhas da rebellião.

Que ia succeder??

(*Continua*.)



1—Os atiradores federaes entrincheirados no caes Pharoux
2—As forças do governo no Morro do Castello
(Clichés do sr. A. Barros Lobo)

A FRAGATA "PRESIDENTE SARMIENTO" EM LISBOA.



A fragata argentina *Presidente Sarmiento* entrou no Tejo em 13 de dezembro, dois dias depois do sr. Garcia Sugastume ter apresentado ao chefe do governo a confirmação do reconhecimento da Republica portuguezia pelo seu paiz.

Os officiaes argentinos foram recebidos com festas cordaealissimas, realisando-se um almoço intimo na Sociedade de Geographia e indo os membros do governo provisorio a bordo da fragata n'uma cerimoniosa visita.



- 1—A *Presidente Sarmiento*
- 2—O consul da Argentina falando com o commandante da fragata
- 3—O commandante da *Presidente Sarmiento* com o capitão-tenente sr. Dinis Ayalla, que ficou ás suas ordens



A RECEPÇÃO FEITA AOS OFICIAES DA *PRESIDENTE SARMIENTO* NO MINISTERIO DOS ENTRANGEIROS

De esquerda para a direita: major general da armada, com-mandante da guarda nacional, ministros da justiça, da guerra, dos extrangeiros, ministro da Argentina, Presidente do Governo Provisorio, commandante da *Presidente Sarmiento*, ministro da marinha e capitão tenente Avuilal de Souza Dias (Cebés de Bendel)

AS LUCTAS JAPONESAS NO COLYSEU



Do Japão de "Loti" ao Japão

Quando *Loti* atirou sobre o occidente os seus livros exóticos descrevendo scenas e costumes do Japão, e pondo, deante dos nossos olhos extasiados de goso, a figurinha candida e *mignonne* de *Madame Chrysanthème*, a sua prosa delicada e toda trabalhada em ponto de Valenciennes foi devorada com soffreguidão e com delicia. O Japão apparecia-nos, ali, entrevisto apenas pela face das suas *mousmés*, cheio do colorido dos chapéus de sol e das lanternas polychromas de papel.

Era, para nós, a miniatura filigranada de um paiz quasi insexuado, com ingenuidades e caricias, debil e fragil como uma porcelana rica.

do "Gouminuki," e do "Summo"

Mas *Loti* vira do Japão apenas o lado romantico que convinha á sua phantasia de escriptor, com os seus cortejos nocturnos pelas la-deiras de Iokohama, as suas Casas de Chá, *madame Prune* e *madame Abricot*... Vieram, depois, os conflictos internacionaes: a China, primeiro. depois a Russia. E só então é que o *Paiz do Sol de Ouro* começou a revelar-se como um grande paiz, — com as suas esquadras invenciveis, os seus exercitos aguerridos, a sua força enorme, que lhe vem da sua paciencia benedictina, da sua resignação e quasi insensibilidade na dôr.

Vieram á Europa, por esse tempo, os pri-



- 1—Arashi Gawa
- 2—Otagawa
- 3—Tamatsubaki
- 4—Ikarino



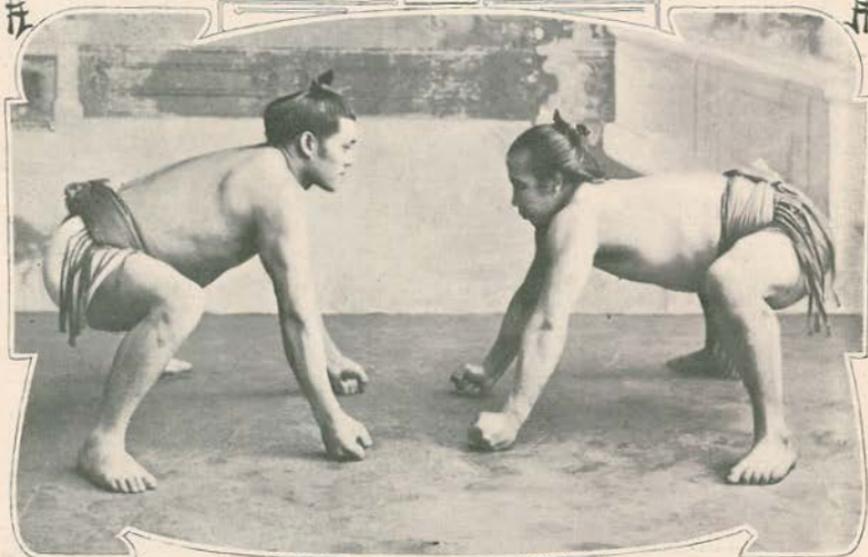
Grupo dos principaes luctadores japonezes

meiros homens japonezes que conheciam o segredo das luctas mysteriosas. Civilisados em Londres, — mas civilisados no traje, porque no resto estavam mais civilisados do que nós — começaram a surgir nos palcos dos theatros e nos rings dos circos, denodados e invencíveis, n'um combate a que chamavam *ju-jutsu*.

Foi o primeiro campeão d'esses assaltos, Raku, que passeiou por toda a Europa a sua musculatura de aço dentro de um envolvero franzino de creança, derrubando todos os hercules

quenez entrevista nos romances do *Frères Foes* e pareciam gnomos tismados e mirrados.

Mas passam-se tempos, — e novamente desaba sobre nós uma legião de japonezes, d'esta vez herculeos e de uma estatura normal, feios como demonios, de cabellos negros e lustrosos dos oleos, atados por cima da nuca. Dizem-se possuidores de novos segredos de luctar; e chamam a isso o *summo* e o *gouminuki*, — duas palavras que nos parecem barbaras, arrepiadas de facas, reluzentes como punhaes afia-



e todos os colossos que rolavam nos tapetes, amachucados, ficando alguns segundos n'uma inercia de quasi—Morte. Era, ainda, um clarão do Japão de *Lotti*, porque esses luctadores tinham a pe-

dos. E, afinal de contas, isto é velho como o mundo, e cada lucta tem a sua lenda.

... No Norte do Japão ha um pagode para duas ou tres aldeias, pagode que recorta no ar a



1—Luctadores em guarda 2—Tadosoki 3—Narivaka 4—Tani Arashi
5—Kumagatani 6—Iwanani

sua torre esguia e o seu telhado de porcelana: é o *Shirne*.

Todos os annos os rudes lavradores, os homens de aço, vão ali rezar piedosamente, fazendo a sua longa caminhada atravez dos campos, transpondo collinas violetas, plantadas de amendoeiras floridas, campos de chrysanthemos, plantações de chá, de ananazes e de iris. A porta, recebe-os um bonzo:

— Que a paz seja convosco, homens de Shanguru!

Então, o mais forte adeanta-se. E' tambem o mais valente de todos.

— Este é o que ha de lutar pela honra de Shanguru, na nossa festa sagrada.

Cada aldeia leva o seu vencedor, que é enviado gratuitamente a Tokio para ahi se adextrar no seu mister. Parte com uma bagagem summaria, entra

em casa de um athleta celebre; e logo que a porta de papel se fecha por traz de si, já elle se não pertence. Levantase antes do romper do sol, queima jarros de in enso, prepara a refeição do mestre; depois enche de agua quente a banheira de pau, lava-o, fricciona-o com o seu pincel de palha d'arroz e obedece-lhe: em tudo com honestidade. Faz o seu treino diario com dureza, com a mira de lutar em publico e ser, um bello dia, o vencedor dos vencedores.

Chega aos vinte annos, tem o aspecto de uma mulher de idade, a carne secca, e os mus-



1—Serobegawa, 2—Adzuma Yama, 3—Uma praça no *summo*



das. São, apenas, esboços de ataque. *prises* lentas ou vertiginosas: e é precisamente quando um d'elles pensa ter dominado o outro, que é irresistivelmente atirado ao chão por um golpe inesperado.

É isto o *summo*: a regra consiste em derrubar o adversario ou projectal-o fóra do *ring*.

Hyozo, director das luctas reaes, viajava no paiz de Kasuza. Descobriu, n'um Shirne, dois luctadores de futuro: Takimiyama e Kunomoto. Luctaram ambos. Mas o primeiro, vendo-se inferior, sentia os labios engegrer de furor e subia-lhe aos olhos uma onda de sangue. Com um golpe de *ju-jutsu*, atirado com a mão fechada ao coração do adversario, matou-o. O arbitro disse lhe:

— Se o tivesses morto com um dos 48 golpes permittidos, a tua honra ficaria salva. Mas tu fechaste a mão! Tens de fugir do paiz de Kasuza e não voltarás aqui senão passadas 40 luas, ou eu te mandarei abrir as veias pelos meus guardas.

E o covarde fugiu. Mas o irmão do morto perseguiu-o com tenacidade e alcançou-o em Osaka. Luctaram, e o malvado venceu-o. O irmão do morto fez o seu treino e perseguiu-o até Hirotsaki onde foi mais uma vez derrotado. Mas tinha uma coragem indomável e luctou pela terceira vez com Takimiyama em Katsura Gawa, no palacio. Tinha-se tornado invencível. Apertou o adversario nos seus braços de bronze e disse-lhe ao ouvido: — Mataste o meu irmão, vaes morrer!

Depois, empunhou-o pela cintura e atirou-o de encontro a uma columna, onde elle ficou com a cabeça esmigalhada.

Os outros luctadores quizeram vingar o seu amigo, um a um, como homens leaes: e foram todos derrubados. E quando o irmão de Kunomoto os viu a todos por terra, contou-lhes a sua historia. Assim se creou o *gouminuki*.

J. S.

culos desaparecem de tal maneira debaixo da pelle polida que o corpo parece mais uma harmonia de linhas que um feixe de energia preparado para a lucta.

O mestre sae, a colher na ladeira de um vulcão apagado, algumaservas mágicas, que põe a secar dentro de um cofre, onde estão gravadas as palavras sagradas; e essas hervas desfazem-se depois n'um pó finissimo. Então, com um ferro em braza, marca o discipulo nas omoplatas. A carne arde; e o mestre salpica a ferida com o pó mysterioso. O pobre diabo não estremece nem pestaneja; é a «Vaccina da Forças».

... Está, emfim, admittido á honra da sua lucta official, n'um parque, sob as frondes frescas e floridas. Na relva tenra e macia está recortada uma especie de tonsura gigantesca, com uma cercadura encarnada, coberta com uma leve camada de areia amarella. Os musicos tocam uma melopeia languida, com rythmos dolentes... O arbitro levanta o seu *écran* de laca, o *Gun Bay Uchiwa*, que é o leque que conduz os *guerreiros*. Vestido com o Kami Shimo de seda azul celeste com vóos de cegonhas, vigia que tudo esteja preparado e disposto, — os baldes de nogueira cheios de agua pura que é bebida por uma concha de laca, e os cestos com o sal. Cada adversario atira uma pitada d'este sal para a areia, prevenindo com esta cerimonia que a lucta será leal e sem odios. Subjto, o arbitro dá um grito, rouco como um canto de gallo. Os atletas, então, como enormes mulheres velhas, abanam a cabeça, estribam-se nas pernas, dão palmadas nas côxas e batem no chão para se aterrorisarem mutuamente. Com as pernas rígidas e apartadas, parecem dizer: «Olha para este arco de ferro!» «Vê estas duas dilastras de aço!»

Depois oscillam, e balouçam-se só n'um pé. O arbitro levanta o *Gun Bay*. Os adversarios accoram-se um deante do outro, curvos como leopardos, a fazer carantonhas, com o *chignon* a dar a dar, fitando-se no branco dos olhos com ferocidade.

— *Aô! Aô! Tch!*

Como uma mola, saltam um para o outro, chocam-se com uma violencia inaudita. É uma dança de feras doídas, saltos, encontros, gritos, relinchos. Com os dentes cerrados, torcem-se como felinos. Mas se os seus corpos são phreneticos, as suas almas são reflecti-



1—O. Ikari, campeão do mundo
2—Ho. O., campeão do mundo.



立井心

立

A CHEIA DO DOURO



1—O bairro de Miragaya inundado. 2—Na ponte D. Luís I, o engenheiro Machado registando a velocidade da corrente, que attingiu 12 milhas á hora. 3—O vapor *Ducosó* em perigo. 4—Fluctuando com a corrente...

A cheia do Douro attingiu agora maior altura que a de dezembro passado.

A corrente era vertiginosa com a sua velocidade de doze milhas e com a sua altura de dois metros. A Regua e Barca d'Alva estiveram quasi submersas; os bairros ribeirinhos do Porto soffreram verdadeiras devasta-





1—O mercado de Vila Nova de Gaya quasi submerso
 2—A rua de S. João inundada
 3—Monchique e a Alandega inundados
 (Chetiz Pereira Cardoso)

ções com a furia das chuvas torrençiaes que engrossaram extranhamente o rio.
 As embarcações, apesar de ligadas por fortes amarras aos caes, correram riscos de garrar; e houve grandes prejuizos na capital do norte e nas povoações visinhas que desde ha dois annos tanto teem soffrido com as cheias.

À VENDA
Almanach d'O SÉCULO
 PARA 1911
 À VENDA

BAUME BENGUÉ
 Cura Totalmente
RHEUMATISMO
GOTA
NEURALGIAS
 Dr BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



Agencia de  **VIAGENS**
ERNST GEORGE
 SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo.
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.
 Cheques para hotels.

RUA BELLA DA RAINHA, 8-LISBOA

Viagens baratissimas
 à TERRA SANTA

**Companhia do
 Papel do Prado**

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

ciannia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louza), Valle Maior (Abevgaria-a-Velha). Installadas para uma produçao annual de seis milhoes de kilos de papel e dispoindo dos machinismos mais apertecoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressao e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricaçoes especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicaçoes periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escriptorios, e depositos:*

LISBOA—270, Rua da Princeza, 270
PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51

Encomenda telegraphica em Lisboa e Porto: **Companhia Prado**
 Numero telephonic: **Lisboa, 605—Porto, 117**

CAPITAL

Açoes	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação	266.400\$000
Reservas	050.110\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Maria da fabrica do Prado, Maria d'Hermio (Louza), Valle Maior (Abevgaria-a-Velha).

PARA ENCADEARNAR A

Illustração Portuguesa

Já estão à venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o primeiro semestre d'este anno da *Illustração Portuguesa*. Preço 360 réis. Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicios respectivos.

Administração do SÉCULO
LISBOA

PRINCIA

NOUVEAU PARFUM
VIOLET
 29, B^e des Italiens, PARIS

PARFUM
FLORAMYE
 L.T. PIVER
 PARIS



Eu curo a QUEBRADURA

Sem ulterior uso de funda

Quem for quebrado, ou souber d'alguem que o seja, deve interessar-se pelo meu methodo de cura. O meu plano differ de todos os outros, por isso que não só contém toda a especie de quebraduras de uma forma continua e segura e com p'fecta commodidade, mas faz formar-se um novo tecido na abertura da quebradura, unindo a ruptura e produzindo uma cura absolutamente perfeita e permanente. Nenhum outro methodo dá este resultado. Tenho provado varias vezes que posso curar a quebradura, ainda mesmo depois de duas operações não terem dado resultado. Os meus doentes curados tem soffrido experencia; e reconhecimentos medicos dos mais illustres, tendo sido averiguada e certifica da a cura. Nenhum quebrado é muito novo ou muito velho, para se sujeitar ao meu methodo. Nenhuma quebradura é tão má que se não possa curar.

Entre os milhares de pessoas que se tem curado, contamos o sr. Polyarino Garcia Morales, Arenal, 26, sobroloja, Madrid, dupla quebradura; sr. D. Iñigo Curia, S. Pedro de la Traversera, Barcelona, de quebradura escrotal. Irredutivel e o sr. Bernabé Felto, Calle Baja, Caspe, provincia de Zaragoza, que foi curado com a idade de 59 annos e que diz: «Estou completamente curado e já não uso funda. Dou-lhe os meus agradecimentos pelo grande cuidado que tem pelos seus doentes.»

Escrevam-me, sem perda de tempo, pedindo-me completas informações acerca do meu methodo e enviarei uma amostra gratuita do meu tratamento, franca de porte. Escrevi: mais em seguida, antes que a sua quebradura chegue a estar estrangulada e que uma operação seja o unico meio—e não certo—de salvar a vida.

Dr. Wm. S. RICE (S. 293) 8,9 STONECUTTER STREET, LONDRES, E. C., INGLATERRA



SELLOS DE CORREIO
 Quem me enviar 50 a 100 sellos diferentes receberá uma remessa correspondente, em numero e valor, de sellos da Dinamarca e suas colonias.
 A. JOHANSEN, negociante, Ny Kronprinsessegade, 5 COPENHAGUE

OS PHAROES B. R. C. ALPHA

São os melhores olhos do chaffeur



Agentes em Portugal: **BLANC FRERES**
 CALLE ALCALÁ MADRID

Contra a Asthma
REMEDIO DE ABYSSINIA
EXIBARD
 em Pó e Cigarros.
 Alivia instantaneamente.
 6, Rue Dombesle, Paris. — Todas as partes.

A SEMELLE Michelin ANTIDERAPANTE

Adapta-se a todos os climas. A espessa tira de couro reforça o pneu que é coberto, mas não completamente envolvido por essa tira, por isso a semelle Michelin não aquece e se conserva

tão flexivel como um pneu ordinario



DEPOSITARIOS

COIMBRA

EMPRESA AUTOMOBILISTA PORTUGUEZA, Avenida Navarro, TAVARES DE MELO, 42, Avenida de Santa Cruz.

LISBOA

A. BLACK & C.º, 30 e 32, rua da Boa Vista.
 D. A. DE HEREDIA, 10, Poço do Borratem.
 ALBERT NEBELUNG, Garage Peugeot, Campo Grande (rua Occidental).
 RICARD O'NNEIL Panhard Palace, 87, 3 a 87 N, Avenida da Liberdade.

SOCIEDADE PORTUGUEZA DE AUTOMOVEIS, LT.ª, rua Alexandre Herculano.

LAURENCEL & OLIVEIRA, 86-A, 86-D, Avenida D. Amélia.

PORTO

JOÃO GARRIDO, rua de Passos Manuel, 16, 18 e 20.
 JOSE DA SILVA MONTEIRO, 133 e 135, rua das Flores.
 TEIXEIRA & IRMÃO, 153, 157, rua de Sá da Bandeira.
 ESTAMPARIA DO BOLHÃO, 323, 346, rua de Fernandes Thomaz.